

The background of the entire page is a photograph showing a white ceramic bowl filled with a fine, greyish-white powder, likely ash or sand. The bowl is placed on a dark, textured surface composed of various pieces of debris, including what appears to be charred wood, small stones, and fragments of concrete or brick. The lighting is somewhat dim, creating a somber and textured atmosphere.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO -CURSO DE
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

CARTOGRAFIA DA AUSÊNCIA
IDENTIDADE INDÍGENA EM CONTEXTO URBANO

Selly Maria Silva da Costa

Recife, 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

CARTOGRAFIA DA AUSÊNCIA: identidade indígena em contexto urbano

Selly Maria Silva da Costa

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Bacharelado em Artes Visuais como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Maria Betânia e Silva

Recife, 2024

Selly Maria Silva da Costa

CARTOGRAFIA DA AUSÊNCIA: identidade indígena em contexto urbano

Comissão Examinadora

Prof^a.Dr^a.Maria Betânia e Silva (Orientadora UFPE)

Prof^a.Dr^a. Renata Wilner - Examinadora Interna UFPE

**Ms. Jarluzia Tapuia - Examinadora Externa - Laboratório de História
Indígena - UFPE**

Recife, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Selly Maria Silva da.

Cartografia da ausência: identidade indígena em contexto urbano / Selly
Maria Silva da Costa. - Recife, 2024.

58 p. : il.

Orientador(a): Maria Betânia e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Bacharelado, 2024.
Inclui referências.

1. Memória. 2. Artes Visuais. 3. Identidade. 4. Indígena em Contexto Urbano.
5. Ancestral. I. Silva, Maria Betânia e. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, hoje e sempre, aos meus ancestrais, que lutaram e possibilitaram que eu estivesse aqui, compartilhando nossa história. É com profunda gratidão que reconheço esse legado.

Aos meus pais, meu profundo agradecimento por todo o apoio e incentivo ao longo da minha vida. Vocês me abriram portas para horizontes que não foram possíveis para vocês, e sou eternamente grata por isso.

Aos meus familiares, que estiveram ao meu lado durante o processo de escrita das pesquisas que culminaram neste trabalho, meu sincero reconhecimento.

Ao meu amigo e amigas Ygor Atomo, Joyce Ara'i e Ariel Guerra, agradeço por terem compartilhado comigo os desafios do ingresso no curso, especialmente na ocasião em que enfrentei a negativa da comissão de heteroidentificação da UFPE. O apoio que me deram foi fundamental para conseguir enfrentar essa fase.

A professora Betânia merece uma menção especial. Sua sensibilidade e suas orientações ao longo da graduação transformaram meu entendimento sobre o que é e o quão importante é se fazer pesquisa, mostrando-me que sou capaz e merecedora deste espaço. Obrigada por sempre destacar a importância da minha pesquisa e por se manter aqui.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que sonham, desejam e trabalham por um mundo melhor e mais harmonioso. Destaco a relevância desta produção a partir da vivência e da perspectiva de quem experiencia a realidade abordada. Essa busca contínua por autenticidade e representação é essencial para o nosso futuro.

RESUMO

Em *Cartografia da Ausência*, será possível acompanhar a minha investigação e retomada identitária, enquanto indígena em contexto urbano. Buscando fugir do modelo de pesquisa ocidental colonizadora, o objetivo desta pesquisa é trazer à luz uma memória repetidamente tida como apagada, sendo aqui representada por uma abordagem de pesquisa contra-história que apresenta um modelo de relato alternativo diante dos olhos de indivíduos que não aceitaram ser colonizados. É também um exercício de compreender, tendo a memória como principal ferramenta, os caminhos traçados por meus ancestrais. Para isso, a narrativa é dividida em 3 partes: 1. Retomada Identitária; 2. Mapeando Memórias; 3. Tracejando uma Genealogia Ancestral. O item 'O início é aqui', marca o ponto onde a pesquisa possibilitou a retomada de nossas raízes em conjunto com nossos familiares, além de cultivar em conjuntos com aqueles que não tinham conhecimento e incentivar a se aprofundarem na busca por nossas origens. Assim, o valor da pesquisa transcende a mera quantidade de dados coletados, refletindo um impacto profundo em nossa compreensão e na conexão com os caminhos percorridos por nossos ancestrais.

Palavras chaves: Memória, Artes Visuais, Identidade, Indígena em Contexto Urbano, Ancestral.

RESUMEN

En "cartografía da ausência" «Cartografía de la ausencia», podrás seguir mi investigación y el restablecimiento de mi identidad como indígena en un contexto urbano. Tratando de escapar del modelo de investigación occidental colonizador, el objetivo de esta investigación es sacar a la luz una memoria que ha sido repetidamente borrada, representada aquí por un enfoque de investigación contrahistórico que presenta un modelo alternativo de información a través de los ojos de individuos que no han aceptado ser colonizados. Es también un ejercicio de comprensión, con la memoria como herramienta principal, de los caminos trazados por mis antepasados. Para ello, la narración se divide en tres partes: Recuperación de la identidad, Mapeo de los recuerdos, Trazado de una genealogía ancestral y El comienzo está aquí, que marca el punto en el que la investigación permitió recuperar nuestras raíces junto a nuestros familiares, así como cultivarlas junto a quienes las desconocían y animarles a profundizar en la búsqueda de nuestros orígenes. Así, el valor de la investigación

trasciende la mera cantidad de datos recogidos, reflejando un profundo impacto en nuestra comprensión y conexión con los caminos recorridos por nuestros antepasados.

Palabras clave: Memoria, Artes Visuales, Identidad, indígena en Contexto Urbano, Ancestral.

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
1.RETOMADA IDENTITÁRIA.....	7
2.MAPEANDO MEMÓRIAS.....	16
3.TRACEJANDO UMA GENEALOGIA ANCESTRAL.....	42
O INÍCIO É AQUI.....	53
REFERÊNCIAS.....	58

1.RETOMADA IDENTITÁRIA

“Acostumem-se com a retomada identitária indígena, essa terra pariu parentes que não sabem seu povo, mas sabem suas origens! A anestesia do colonizador teve prazo de validade. Retomem!” Lian Gaia (2021, s/p) ¹

Em Cartografia da Ausência, é possível acompanhar minha investigação e retomada identitária, enquanto indígena em contexto urbano. Busco compreender, tendo a memória como principal ferramenta, os passos dados pelos meus ancestrais ao mesmo tempo em que me coloco no exercício da manutenção da memória ancestral da nação do meu povo Tarairiú, cujo alguns registros que conheci do passado, foi por meio de imagens como a obra Dança dos Tarairiú, ilustrada pela Figura 1.

Figura 1. Dança dos Tarairiú, por Albert Eckhout (séc. XVII)



Fonte. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14525/danca-dos-tarairiu-tapuias>>
Acesso em 18 ago, 2024.

¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CT-Cuy2lrs6/>> Acesso em 21 set, 2021.

A partir dessa primeira consideração, veio à tona a indagação de como se registra uma memória identitária se ela foi “apagada”? Essa questão move este estudo.

Utilizo a memória como mecanismo de acesso a dados, sabendo que a memória inclui o esquecimento, por isso está narrativa não é linear e algumas datas da minha história, e daqueles que me ajudaram a contá-la, não são lineares, e algumas já esquecidas. Enquanto capacidade que indivíduos possuem de lembrar, armazenar e recuperar informações, experiências e conhecimentos adquiridos durante suas experiências de vida, também são dotados de esquecimento.

Pensar o exercício criador como elemento essencial do humano contribui para a construção da vida e o estabelecimento de sentidos que a ela podemos atribuir a cada etapa do existir. Nesse sentido, não é possível desconectar o lugar da memória nessa tarefa, porque é ela quem registra, seleciona e colabora para a materialização do que ficou do vivido. Assim, discutir sobre a memória aqui vai muito além do processo que registra as narrativas familiares que constituem minha identidade, torna-se indispensável para a manutenção dos nossos saberes e preservação de uma identidade que é constantemente deslegitimada.

De acordo com Cunha (2006, p. 9), em 1500 a expedição comandada por Pedro Álvares Cabral chegou à costa brasileira. Essa chegada resultou na colonização, escravização e extermínio de inúmeras populações indígenas em todo o território brasileiro, e continua no século XXI, no atual processo de retomada identitária indígena. Esse processo refere-se ao movimento e às ações realizadas por comunidades indígenas, mas principalmente, por muitos parentes que, assim como eu, nasceram fora dos seus territórios de origem, como consequência desse processo, estão retomando suas origens e territórios que nos foram roubados. Por mais antigo que seja esse fato, sofremos até hoje com suas consequências e segue sendo mais atual do que nunca.

Enquanto escrevo essa pesquisa, recebo a notícia de que ruralistas cercaram a retomada indígena do povo Pataxó Hã-hã-hãe² no município de Potiraguá, no território indígena Caramuru-Catarina Paraguassu no Sul da Bahia, no dia 21 de janeiro de 2024 (domingo) e mataram a tiros Maria Fátima Muniz de Andrade, mais conhecida como Nega Pataxó que era majé da comunidade, e o cacique Nailton Muniz Pataxó

² Ver Brasil de Fato em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/22/ataque-de-ruralistas-mata-indigena-da-etnia-pataxo-ha-ha-hae-no-sudoeste-da-bahia> Acesso em 19.04.2024 às 10h:31min.

foi baleado e atingido por uma bala no rim. Outra mulher indígena teve o braço quebrado e outros parentes foram hospitalizados.

Este é apenas mais um reflexo da cruel realidade que ressoa diariamente por todo o país e que é amplamente aceita, sendo ignorada pela mídia e pela maioria das autoridades. A mídia que ignora e autoridades que seguem o mesmo movimento de não querer ver ou fazer outros verem, refletem a intensa relação de poder, ganância e egoísmo humano na apropriação dos bens que o planeta e a mãe terra nos proporcionam. Parece não haver qualquer entendimento de que fazemos parte de um todo, não somos o todo e o todo não é e nem pode ser objeto de posse. O movimento predatório do humano vem intensificando a sangria e morte da natureza e de milhares de vidas ao redor do mundo e do nosso planeta. Esse triste episódio reflete a nossa luta contínua pela proteção dos territórios, das nossas famílias e pelo direito fundamental de existir, evidenciando a urgência de conscientização e ação diante das violações dos direitos indígenas que persistem até os dias atuais.

Somos humanos e gritamos por todos os lados pelo direito à vida, pelo direito de existir!

A importância do tema escolhido reside na necessidade de ressignificar elementos que permaneceram na memória e construir outras narrativas com o intuito de valorizar a memória como ferramenta essencial para a preservação da minha identidade em meio a um contexto urbano que nos invisibiliza, deslegitima e nega nossa herança. A importância da memória na luta indígena se torna ainda mais evidente diante do contexto histórico de colonização, escravização e extermínio de inúmeras populações indígenas no Brasil. A retomada identitária indígena é um processo essencial de reconexão com as origens e territórios que foram roubados, representando uma resistência ativa contra as consequências devastadoras desse passado violento.

A situação anterior de risco aos direitos socioambientais indígenas, incluindo os territoriais, se intensificou. Centenas de propostas legislativas vistas como anti-indígenas estão sendo discutidas no Congresso Nacional. Além disso, recentes declarações do Executivo Federal visam dificultar o reconhecimento das terras indígenas, enquanto interpretações judiciais têm limitado os nossos direitos. Este contexto político e econômico é ainda mais hostil às questões indígenas. Em resposta, os Povos Indígenas, organizados em nível nacional, têm promovido ações de

reivindicação e resistência. Entre essas iniciativas, destacam-se as retomadas e as autodemarcações. As retomadas envolvem a ocupação de terras reconhecidas pelos indígenas como tradicionais, mas que estão nas mãos de terceiros. Já as autodemarcações estabelecem os limites do território, realizadas por meio da auto-organização indígena, podendo incluir ou não as retomadas. Ambas as ações são consideradas estratégias legítimas na luta pela defesa de seus direitos territoriais. Lideranças indígenas no Ceará afirmam que:

Quando nós vamos fazer uma ocupação dentro de uma área nós pegamos o nome de 'retomadas', porque a gente utiliza o nome de retomadas, porque de fato nós vamos retomar uma área que anteriormente esteve em nossa posse e que por questões políticas, de massacre, de expulsão de indígenas, nós perdemos essa posse e nós hoje nos vemos em condições de ocupação, vamos lá e ocupamos.³

De acordo com o Censo de 2022 do IBGE⁴, a população indígena no Brasil atual é de 1.693.535 pessoas, representando 0,83% da população total do país. Esse número mostra um aumento significativo em relação ao censo anterior, refletindo um crescimento na autodeclaração e das reivindicações identitárias de pessoas indígenas. No Nordeste, nossa população indígena conta com aproximadamente 393.000 pessoas, com uma concentração significativa em estados como a Bahia e o Maranhão. Em Pernambuco, a população autodeclarada indígena é de cerca de 33.500 pessoas.

No entanto, a nossa migração forçada para contextos urbanos é um fenômeno significativo e que reflete uma série de problemáticas sociais, econômicas e políticas. Muitos de nós enfrentamos a violação de nossos direitos, como a degradação de nossos territórios e a falta de acesso a recursos básicos, o que os obriga a deixar nossa comunidade em busca de melhores condições de vida nas cidades. Em ambientes urbanos, enquanto indígenas, frequentemente enfrentamos a estigmatização e invisibilidade, o que torna ainda mais complexa a nossa permanência nesta selva urbana. Para além das dificuldades financeiras,

³ MARTINS, Martha Priscylla M. J. Direito(s) e(m) Movimento(s): Assessoria Jurídica Popular a Movimentos Populares Organizados em torno do Direito à Terra e ao Território em Meio Rural no Ceará. Mestrado em Direito. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011, p. 97.

⁴ <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>.

permanência e de acesso, existem as injustiças vivenciadas que acabam resultando em um quadro de adoecimento emocional e psicológico, evidenciando a necessidade urgente de políticas públicas que promovam a nossa inclusão, visibilidade e respeito às nossas especificidades culturais.

A memória desempenha um papel crucial nesta luta, pois é através dela que preservamos nossas tradições, conhecimentos ancestrais e resistimos às tentativas de apagamento. A memória é um elo vital que conecta as gerações passadas, presentes e futuras, permitindo que a história, a cultura e a sabedoria sejam transmitidas, ressignificadas e preservadas.

Ao explorar a memória como um recurso de acesso aos conhecimentos e experiências ancestrais, busco não apenas compreender o passado, mas também fortalecer a identidade e os saberes do meu povo Tarairiú, que ainda enfrenta desafios e violências. Ao trazer à tona a discussão sobre memória, identidade e resistência, este trabalho não apenas reafirma a importância da manutenção dos saberes tradicionais e da preservação das culturas indígenas, mas também denuncia as violências e injustiças históricas e atuais que continuam a ser perpetradas contra os povos originários.

O processo de retomar nossas identidades indígenas não quer apenas dizer que estamos retomando somente territórios, mas, principalmente, nossas raízes ao lado, fisicamente e espiritualmente, dos que nos antecederam, e que essas pessoas mais que ninguém são a prova que nossa história começa muito antes de 1500, e nos permitiram chegar até esse lugar hoje. Esses são responsáveis pela luta em tentar manter nossas origens vivas, e é por eles e com eles que dou continuidade a nossa retomada.

Quando era criança, eu sonhava em transformar a minha realidade, consequência de séculos de exploração e apagamento desde a invasão deste território, hoje chamado Brasil.

Eu venho da nação Tarairiú, dita extinta no censo que contabiliza mais de 300 povos indígenas só no Brasil. A tentativa de dizimar a população indígena e exclamar a extinção é equivocada, somos herdeiros, somos a continuação de nossos ancestrais, existem muitos de nós vivos e vivas, lidos como pardos, mestiços, caboclos, como se esses adjetivos retirassem ou diminuíssem a nossa identidade.

O meu ingresso na universidade ampliou o meu olhar para as oportunidades que eu poderia construir com todo o conhecimento empírico e ancestral, senti que a universidade poderia ser um lugar a mais para um conhecimento mútuo, uma vez que o lugar de onde eu vim quase todos os sonhos pareciam impossíveis de realizar e foi necessário ter muita persistência e fé nos caminhos que os meus ancestrais direcionaram para romper um ciclo que rondava toda a história da minha família.

Eu sou a primeira pessoa da minha família a cursar uma universidade, uma referência à certeza que devemos continuar a quebrar as correntes e a lutar pelos nossos sonhos. Somos povos indígenas e estamos em várias profissões, ocupamos inúmeros lugares, não somos fantasias, somos reais e construímos o bem viver. Para isso, basta a oportunidade.

“É do presente que parte nosso interesse pela memória”. Uma das autoras com quem dialogamos em nosso estudo é Ecléa Bosi que observa que recontar é sempre um ato de criação e que a reconstrução do passado não é um refúgio, mas uma fonte e um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro” (Bosi, 2003, p.66).

Esta investigação está inserida no âmbito das pesquisas qualitativas, uma vez que busca compreender a origem e o desenvolvimento dos fenômenos aqui presentes, assim como as representações feitas deles. Nas pesquisas qualitativas encontramos a oportunidade de compreender como as práticas que envolvem e caracterizam os fenômenos são originadas, por meio de seu contexto. Os estudos qualitativos investigam espaços de práticas diversificadas e múltiplas, introduzindo novos sentidos dos problemas, bem como entendimento de seus significados (Poupart, *et.al.*, 2008). São neles que se mostram a diversidade dos pontos de vista, além de captar as invisibilidades, censuras ou os silenciamentos nas tessituras de suas narrativas.

Além disso, a pesquisa se vale do método cartográfico de investigação que se apresenta como o traçado do plano da experiência, acompanhando os efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento do próprio percurso da investigação. A cartografia visa acompanhar um processo e não representar o objeto. Trata-se de investigar sempre um processo de produção, porque não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa. É nessa perspectiva que o território vai sendo explorado pelos olhares, escutas, sensibilidade

aos odores, gostos e ritmos. Então, ao escrever detalhes do campo como expressões, paisagens, sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto (Passos, *et al.*, 2012).

A cartografia que conhecemos hoje enquanto método científico, foi uma apropriação do termo da geografia por parte de Gilles Deleuze e Félix Guattari em 1995, ambos referindo-se à cartografia não no mesmo sentido da geografia, mas se apropriando do termo e dando significado ao planejamento de mapas em um território real e subjetivo, como um processo metodológico de investigação. A cartografia é um acompanhamento de percursos e a percepção e desenvolvimento das conexões em rizomas, “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21).

Durante a pesquisa, foram utilizados diferentes instrumentos responsáveis pela produção de dados. Entre eles, objetos do acervo pessoal de meus familiares, certidões de registro civil, documentos manuscritos, calendários, cartas, fotografias, vídeos, áudios, conversas com meu pai e minhas narrativas pessoais.

Os registros me permitem refazer os caminhos dos meus parentes por meio das narrativas presentes nos documentos ao mesmo tempo em que denunciam as experiências que foram fatais para nossa história. Além disso, esses registros auxiliam no entendimento de como foi projetada e executada a invasão dos territórios indígenas no nordeste brasileiro, com foco na região do Agreste Setentrional de Pernambuco, ao examinar esses documentos pessoais e de familiares e relacioná-los com registros do período da colonização ao mesmo tempo em que é apresentado o resultado do genocídio nos dias atuais nesse território.

Nessa mesma perspectiva, há também uma produção artística realizada no percurso, no trajeto de investigação e se apresenta por meio de um mergulho nas experiências que me atravessam, através da memória que constitui a identidade indígena da minha família e do meu povo, junto da teoria e prática desempenhada em minhas viagens, numa mesma linha de produção, o que chamo de mapa de experiências. A cartografia enquanto método de pesquisa é o resultado desse mapa de experiências que acompanho e expresso aqui os efeitos do próprio percurso da investigação. No percurso de desenvolvimento da pesquisa, houve um grande desafio que foi o de compreender que era necessário repensar a abordagem tradicional de

definir metas pré-estabelecidas do método científico escolhido para essa abordagem, tendo que assimilar e entender que as metas iriam ser traçadas ao longo do caminho.

Para isso, foi necessária uma mudança de perspectiva em relação ao processo do método, o que foi bem desafiador, mas também proporcionou uma maior flexibilidade para adaptação às mudanças e oportunidades que surgiram ao longo do processo da pesquisa. Isso me possibilitou novas descobertas e experiências que talvez não teriam sido possíveis com uma abordagem mais rígida e pré-determinada do método científico.

O processo de cartografar as memórias familiares que contribuíssem com a pesquisa foi um movimento bastante individual e silencioso, por se tratar de uma investigação que está integralmente ligada ao meu repertório de vida, ao dos meus parentes e às experiências vivenciadas que acabam por refletir no que somos e como estamos hoje. No entanto, o processo também se tornou responsável pela aproximação de pessoas da minha família à temática e às que não costumavam retornar às suas memórias.

Esse envolvimento na coleta e produção de informações e materiais relacionados às memórias vivenciadas no contexto de nossa identidade indígena, teve um papel fundamental na pesquisa, sendo um exercício coletivo que contribuiu no fortalecimento e resgate da identidade, onde quem esteve nesse exercício foi convidado a dar um passo maior nessa etapa para o lugar da reflexão sobre o que fizeram com nossas memórias, e agora estão sendo agentes ativos da manutenção e ressignificação delas.

As contribuições dadas por parte dos familiares estão, principalmente, presentes nos meus processos artísticos, visto que minha vida pessoal e acadêmica seguem os mesmos caminhos com objetivos em comum: ocupar os espaços que nos são negados. Essas contribuições estão presentes em obras que produzi durante os componentes curriculares do curso, reunidas por meio de familiares ou a partir das minhas buscas. A ideia das obras, a princípio, é de trazer para o agora uma narrativa real, contada a partir de quem sente a dor de ter a ferida colonial aberta até hoje, mas, mais importante que isso, seguir cartografando essas ausências/memórias e recriando possíveis continuidades para essas narrativas no presente e futuro.

O texto está organizado em 3 capítulos, no primeiro apresenta fatos que são diariamente repetidos em nossa realidade e que apresentam a urgência e importância de se falar sobre memória em uma perspectiva íntima e identitária. O segundo capítulo destaca de forma mais imersiva a relevância da memória como um mecanismo essencial que fundamenta esta pesquisa, enfatizando seu percurso não linear e a aplicação dos métodos qualitativos e cartográficos que orientam essa experiência.

Por fim, finalizo com o último capítulo trazendo o processo de cartografar as narrativas familiares realizada de forma conjunta com os mesmos que se dispuseram a contribuir com a pesquisa. Neste capítulo, é possível compreender um pouco sobre os diferentes modos de preservação da memória que cada familiar tem, o que resulta na forma como essas memórias se mantiveram vivas até o momento da pesquisa.

2. MAPEANDO MEMÓRIAS

Acredito, nesta pesquisa, que mapear memórias consiste na busca constante de construir narrativas, percebê-las, entendê-las, ressignificá-las a partir da própria história humana que é sempre individual, mas, estritamente e indissociavelmente social, coletiva. Em outros termos, não existimos sozinhos, não somos sozinhos, jamais estaremos sozinhos, porque conosco estão os que já passaram em nossas vidas, os que aqui estão e os que ainda virão.

A partir deste entendimento, esta parte do texto se apresenta como resultado das investigações realizadas ao longo deste estudo que entre os anos 2020 e 2021, passei a mergulhar com maior profundidade na minha narrativa familiar e identitária, revelando detalhes preciosos através da memória, presentes nas fotografias que contam histórias silenciadas, nos objetos pessoais que carregam memórias vivas, nos documentos que atestam nossa trajetória, nas transcrições de conversas que ecoam vozes do passado e nas minhas palavras que dão vida e significado a cada fragmento desse quebra-cabeça histórico.

Então, na pesquisa em geral, o objetivo é tecer uma narrativa real e detalhada do possível, que vai além do simples relato. Através desses elementos tangíveis e intangíveis, busco reconstruir e compartilhar não apenas a história da minha família, mas também a minha própria jornada de compreensão acerca das questões que me cercam e acabam por me conectarem com minha origem. Cada foto, objeto e palavras escolhidas, cuidadosamente, têm o propósito de dar vida às memórias e experiências que moldaram quem eu sou e a forma como cheguei até aqui. É uma forma de honrar, questionar, compreender o passado e presente e trazer à tona a complexidade da nossa trajetória.

Cabe destacar, que o processo de investigação foi acompanhado pela figura do meu pai, que me ajudou a encontrar e descobrir informações, lugares e registros junto comigo, até o ano 2021. Quando me vi sozinha nessa caminhada sem seu impulso, passei a não ter seu auxílio em aferir algumas datas dos acontecimentos de nossas vidas, porém narro aqui da forma mais próxima que guardei como registro.

Assim, apresento agora um primeiro registro composto por retratos de familiares, para que a partir dele eu possa contar essa história, o retrato está ilustrado pela Figura 2.

Figura 2: Vestígios de memórias - Cianotipia sobre papel com viragem em café e colagem, 2022.



Fonte: Arquivo da pesquisa Montagem do Acervo pessoal da autora Selly Costa, 2023.

A imagem da Figura 2, é composta por uma colagem digital que apresenta da esquerda para direita na primeira linha meu tio (1), avó (2) e meu pai (3). É uma colagem digital feita utilizando o método histórico de impressão de imagens, a cianotipia e com viragem em café com fotos onde também estão meus tios nas imagens (1), (4) e (7) e tia (6), avô (5), avó (2) e meu pai (3 e 8), todos falecidos, exceto uma tia (6) que é uma das poucas pessoas vivas, juntamente com outra tia que, dos filhos dos meus avós paternos, segue viva.

- (1) Avelino Francisco da Costa Filho - 01.08.1961 - 27.02.2012;
- (2) Maria José da Conceição - [?];
- (3) Severino Aquino da Costa - 07.05.1951 - 04.10.2021;
- (4) José Francisco da Costa - 04.07.1950 - 20.02.2008;
- (5) Avelino Francisco da Costa - 09.08.1918 - 02.01.1997;
- (6) Não foram encontrados os dados da pessoa da imagem/não quis fornecer;
- (7) João Aquino da Costa - [?];
- (8) Severino Aquino da Costa - 07.05.1951 - 04.10.2021;
- (9) Avelino Francisco da Costa Filho - 01.08.1961 - 27.02.2012.

Sou filha de Benedita Maria da Silva e Severino Aquino da Costa, ambos nascidos no Agreste pernambucano. A história da minha família não difere da história de muitas famílias nordestinas que tiveram suas vidas impactadas pela migração de seus locais de origem em busca de uma vida melhor em outras cidades e/ou estados. Durante a adolescência, meu pai não conseguiu concluir a quarta série do ensino fundamental, pois teve que criar suas próprias estratégias de sobrevivência. Foi ao migrar para São Paulo na década de 1970 que, quando recebeu a proposta de trabalho como auxiliar de topografia, com muita dificuldade, começou a estruturar sua vida.

Figura 3: À esquerda está meu pai e à direita meu tio, José Francisco da Costa, ambos de viagem para São Paulo de ônibus.



Fonte: Arquivo da pesquisa, acervo pessoal da autora, S/D. Disponibilizada em 2021.

Retornou para Pernambuco, na década de 1990, e recebeu mais uma proposta de trabalho como auxiliar de topografia, função responsável pelo acompanhamento e execução das atividades de demarcação de áreas que eram determinadas pelo DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

Figura 4: Intervenção realizada no fardamento utilizado por meu pai enquanto trabalhava no DNOCS para a disciplina de História da Arte Brasileira 2 no semestre de 2022.2 em 2023.



Fonte: Acervo familiar e pessoal da autora, 2023.

Meu pai trabalhou nessa função até poucos anos antes de sua aposentadoria, mas até lá vendeu sorvetes e continuou nesse ofício em Toritama, cidade vizinha a Surubim, também localizada no Agreste pernambucano. Entendo a trajetória de meu pai na função de auxiliar de topografia como algo que foi determinante para sua reaproximação da nossa identidade que por meio das viagens que fazia com sua equipe de trabalho, chegou a trabalhar no território Xukuru do Ororubá em Pesqueira, e foi nesse momento que passou imerso no território, fazendo a medição da terra indígena, que teve contato com os parentes que lá vivem, passando a trocar com eles.

Figura 5: Meu pai em um dos dias de trabalho no território Xukuru do Ororubá acompanhado de seu amigo e parente nativo do território em 2008.



Fonte: Acervo familiar da autora Selly Costa, 2023.

Uma das grandes certezas que tenho é de que meu pai foi muito feliz no que fazia, por ser um trabalho que lhe permitia estar em lugares que mais se aproximavam de sua casa, a natureza, e o seu sorriso e empolgação no retorno para casa trazendo frutas e lembranças da viagem, me deixam certa disso.

Em seus retornos para casa, onde passava cerca de uma semana e logo retornava para trabalhar novamente, compartilhava comigo suas vivências dos dias em que passou distante. Suas memórias eram sempre carregadas de experiências bonitas que tinham o poder de alimentar um lugar em mim que almejava também conhecê-lo o que ouvia, e em algum espaço da minha consciência suas falas foram armazenadas e fui fazendo de suas experiências as metas que eu desejo alcançar um dia.

Sempre que possível, meu pai me levava junto quando ia trabalhar. Esses momentos ao seu lado eram de extrema alegria para mim. Tudo que ele fazia despertava minha curiosidade e me permitiu conhecer e explorar novos lugares com ele. Um ótimo exemplo disso, foi quando ele foi pintar os degraus da barragem de Jucazinho e me levou junto. Lá, eu pude também pintar aqueles enormes batentes, a mais de 20 metros de altura. Hoje reconheço que ter vivenciado momentos como esse, sem dúvida, foram responsáveis por constituir quem sou hoje e a forma como enfrento as diversas situações da vida, tendo ele como exemplo de que posso chegar em qualquer lugar.

Atualmente, como uma criadora de esquecimentos, parafraseando Mia Couto (2021), transformo esta pesquisa em um diário repleto de lembranças que desejava ter tido acesso. Mesmo assim, acabo por registrar e enriquecer essas narrativas, desenvolvendo e visualizando a partir de substituições que possam se concretizar em um futuro próximo.

No livro 'Memória e Identidade', do antropólogo francês Joel Candau (2012), o autor destaca a relação entre memória, sociedade, história e cultura, argumentando que a memória desempenha um papel central na formação e mudança da identidade individual e coletiva. Ao explorar essas memórias em meu processo de mapeamento, acabei por instigar meus familiares envolvidos nesse processo, a compreenderem que a história do nosso país está inteiramente conectada à nossa origem.

Aqui, no meu trabalho me debruço sobre o conceito de Candau (2012), uma vez que o termo “memória” se refere à capacidade de um indivíduo lembrar, armazenar e recuperar informações, experiências e a identidade se ressignifica pelos conhecimentos adquiridos durante suas experiências de vida.

Assim, a memória ancestral trata sobre a mesma ideia de construção de identidades, onde vestígios de experiências passadas podem ser transmitidos às gerações futuras de uma forma que não seja apenas por meio da transmissão genética, mas também cultural e social. É certo que memórias, traumas, informações e particularidades de determinados grupos podem ser transmitidas por meio de uma forma de memória coletiva que influencia e molda indivíduos e sociedades (Candau, 2022).

Essa compreensão tem raízes em várias culturas e tradições ao redor do mundo que entendem que a memória não se limita ao nível individual, mas também se estende ao nível do grupo, da comunidade, da família, e até da espécie.

A memória ancestral pode se manifestar de diversas formas, como intuições, habilidades, medos e comportamentos que são passados de geração em geração através da vivência que permite o contato e a experiência direta.

Enquanto pessoa indígena, a memória ancestral é essencial em minha jornada, influenciando todos os aspectos da vida. A sabedoria transmitida por meu pai revela que nossa intuição e instinto refletem a orientação dos que nos precederam em diversas situações. A sensibilidade que carregamos em sentir e perceber essas mensagens refletem nossa cosmovisão, onde estão inseridos rituais espirituais que eram realizados por meu pai em um espaço em nossa casa que era dedicado para suas práticas de cultivo do sagrado, suas crenças, mitos, rituais e práticas descrevem a origem e funcionamento do universo segundo nossas tradições.

Essa visão de mundo também orienta nossa relação com a natureza, os espíritos, nossos ancestrais e o cosmos, além de guiar práticas espirituais e sociais em nossas comunidades.

Não é porque algo não pode ser comprovado que deixa de ser verdadeiro, pois o simples ato de sentir é a maneira que temos de reconhecer a existência real de algo, e digo isso, porque sinto coisas que não sou capaz de comprovar e ainda bem que não, porque se trata de conexão ancestral, ligações que nenhum exame genético é

capaz de identificar, apenas somos, sentimos e isso nos basta. A visão de mundo que temos, enquanto povos indígenas, por mais diversos e multiétnicos que sejamos, é uma só: a preservação de nossas culturas, tradições, línguas e territórios, assim como a luta pela autonomia, autodeterminação e respeito aos nossos direitos humanos e territoriais. Além disso, a busca pela proteção do meio ambiente e da biodiversidade também é uma preocupação compartilhada entre nossas comunidades ao redor do mundo.

A reflexão sobre a validade da verdade além da comprovação científica ressalta a importância do sentir como uma forma legítima de reconhecer a existência de algo real. Muitas vezes, experiências subjetivas e conexões profundas que não podem ser empiricamente verificadas são fundamentais em nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Essas sensações, mesmo que não passíveis de prova tangível, podem representar uma ligação ancestral, um elo com as vivências e sabedorias transmitidas ao longo das gerações, que vão além da análise genética.

A ideia de uma memória armazenada em nosso banco genético, contendo informações que moldam as características de nossos organismos, ressalta a complexa e rica herança genética que carregamos. Essa memória genética, embora não se refira diretamente a lembranças individuais, revela aspectos essenciais de nossa existência e história “evolutiva”. É um testemunho silencioso das jornadas percorridas por nossos antepassados e das circunstâncias que nos trouxeram até aqui, enriquecendo nossa compreensão sobre quem somos, de onde viemos e indicando os próximos passos que devemos dar.

O processo de registro de memórias, ocupa um lugar de manutenção e preservação da identidade e tudo que a compõe: cosmovisão de existência, saberes culinários, medicinais, conhecimentos ambientais e estratégias de sobrevivência. O autor Ailton Krenak em seu livro ‘Ideias Para Adiar o Fim do Mundo’ (2019) traz a importância da memória para preservação e valorização das culturas indígenas e de outros grupos marginalizados, destacando que a colonização e a imposição de um modelo de sociedade dominante na América Latina resultaram na destruição de memórias milenares e na perda de saberes tradicionais e reconectar-se com essas memórias, é fundamental para o processo de resistência e reafirmação de nossa identidade que encaramos há mais de 500 anos.

No entanto, o acesso de pessoas indígenas a essas ferramentas para fins de manutenção e preservação, está envolta de uma série de complexidades postas pelas relações de poder e hierarquias, onde a construção da identidade não ocorre em um vácuo, mas no meio de relações sociais e culturais, marcadas por desigualdades dentro da estrutura social que limitam os povos indígenas a terem acesso às tecnologias onde se concentram recursos que podem auxiliar para preservação de nossas memórias, nos distanciando da possibilidade de unir nosso saber da oralidade às ferramentas tecnológicas para preservação e manutenção da memória indígena.

A colonização teve um impacto significativo na transmissão da oralidade, desvalorizando nossa prática ancestral e principal forma de transmissão de nossa existência em favor da escrita, que se tornou a forma predominante de comunicação e registro e segue sendo até hoje. Este processo pode ser analisado em várias dimensões: Apagamento Cultural: A colonização buscou erradicar nossas culturas indígenas, e a imposição da escrita foi uma ferramenta nesse processo. A tradição da oralidade, que inclui transmissão de conhecimentos e ensinamentos, recriação contínua, rituais e cerimônias e identidade e memória coletiva, foi vista como inferior e primitiva, levando à sua marginalização. A Valorização da Escrita: Que com a introdução, muitos conhecimentos e tradições orais foram considerados obsoletos. A escrita passou a ser vista como a única forma válida de preservação da cultura e do conhecimento, o que contribuiu para a diminuição da relevância da oralidade, e Consequências para a Educação e Identidade: A ênfase na escrita nas escolas, em detrimento das práticas orais, resultou na perda de importantes saberes indígenas e na dificuldade de conexão entre as gerações.

Em meu processo de retomada identitária, os registros de memórias têm sido elementos centrais e fundamentais para o surgimento das ideias que são executadas em meus processos criativos, através de diferentes linguagens artísticas e técnicas. As obras que surgem desses processos artísticos, nasceram a partir dos registros captados que são compostos por objetos do acervo pessoal dos meus familiares, certidões de registro civil, documentos manuscritos, calendários, cartas, fotografias, vídeos e conversas, todos esses registros foram armazenados em uma plataforma digital. São resultados dos processos criativos impulsionados pelos registros de memórias:

Figura 6: Vestígios de memórias no semiárido, Cianotipia sobre papel e colagem, 2022.



Fonte: Acervo pessoal da autora Selly Costa, 2023.

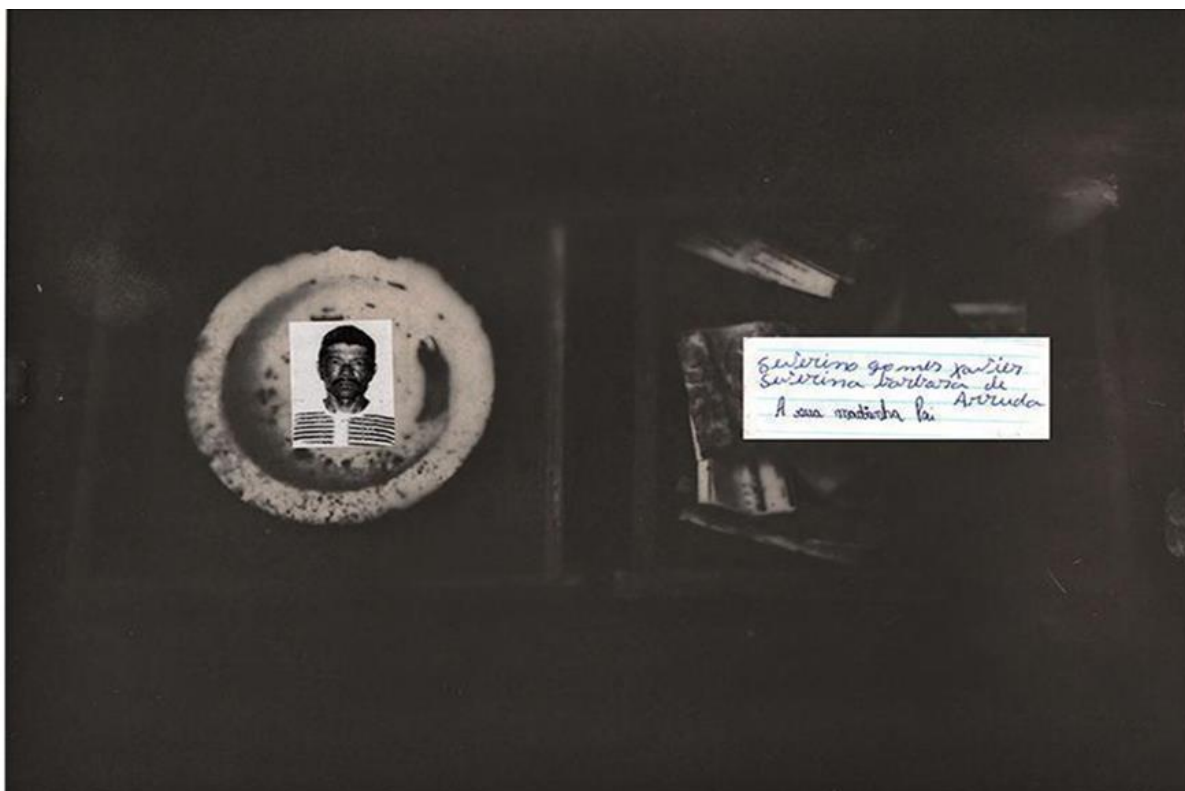
Figura 7: Cartografia da Ausência - Cianotipia sobre papel, 2020-2021.



Fonte: Acervo pessoal da autora Selly Costa, 2023.

As figuras 6 e 7 são obras criadas na disciplina de Fotografia do professor Romero em 2020. São resultados da observação da ação do tempo diante da primeira e segunda casa dos meus avós quando saíram de Orobó e foram morar em Surubim.

Figura 8: Vestígios de memórias no semiárido - Fotograma com revelação em caffenol e colagem, 2022.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

A imagem da Figura 8, é uma colagem digital e faz parte do processo de retomada da memória e identidade realizado e iniciado por meu pai. Nela, constam três imagens: A primeira que é uma fotografia escura com pontos mais claros, onde aparecem duas gavetas com objetos do armário da minha avó, essa mesma fotografia serve de base para outras que estão coladas sobre ela. A segunda imagem, do lado esquerdo, é de uma fotografia 3x4 do meu pai em preto e branco, posicionada digitalmente em cima do prato branco com marcas do tempo que aparece na imagem base. A terceira e última imagem está do lado direito, é um pedaço de folha de caderno com os seguintes nomes escritos em caneta: Severino Gomes Xavier e Severina Barbosa de Arruda, e embaixo: A sua madrinha, pai.

Me recordo que em alguns momentos, meu pai me pedia para anotar esses e outros nomes e dados de seus familiares, com o intuito de retornar neles e tentar

reencontrá-los em algum momento de sua vida. Essa colagem, além de mostrar como eram registradas algumas das memórias de meu pai, revela muito mais sobre um processo silencioso de retomada que existia por parte dele, e apresenta a sua principal ferramenta para enfrentar o apagamento e processo de apagamento e esquecimento.

Por isso, a imagem representa um processo de perda das memórias, onde não apenas o tempo era o responsável, e meu pai combatia essa perda, anotando, falando e contando sobre suas lembranças, e apesar de não ter sido possível retornar a esses registros e buscar mais sobre eles, ele me deixou ciente da importância de falar e registrar os pensamentos que nos são relevantes, pois saber quem somos e de onde viemos, é o nosso principal dispositivo na luta contra o apagamento. Esse processo silencioso, porém, muito consciente, de resgate da memória e identidade, acabou se tornando o meu maior referencial.

Ao sair do meu território e vir para capital quando ingressei no curso de bacharelado em Artes Visuais, passou a ficar evidente dia a dia a necessidade de me autoafirmar constantemente acerca da minha identidade. Assim, diante dos processos de violência que nós, indígenas em contexto urbano, sofremos, foi no meu contexto criativo artístico que encontrei um lugar quase que seguro para manifestar essa necessidade que se fazia presente no contexto da cidade grande. Digo quase seguro, porque mesmo nesse lugar, acabamos caindo ainda nas armadilhas do sistema onde buscamos validação em tudo e de todos.

Ainda, neste lugar da arte, encontrei uma maneira de unir dois pontos importantes para mim, algo que senti como fundamental para o meu processo artístico e de retomada identitária. Busquei, por meio da arte, falar sobre minha trajetória enquanto artista e indígena em um contexto urbano. Unir essas duas facetas - minha identidade artística e minha identidade indígena - tornou-se essencial para mim nesse lugar. Através da arte, pude expressar e reafirmar essas duas partes tão fundamentais da minha essência.

Por meio das práticas artísticas encontrei a oportunidade de trazer à tona essas questões identitárias tão caras às minhas narrativas. Minha produção artística passou a ser um meio de narrar minha história e de refletir sobre meu papel como artista indígena em um ambiente urbano. E assim o processo de retomada se dá por meio da criatividade e da manutenção da memória das minhas origens.

Graças aos incentivos às pesquisas no ambiente acadêmico, pude explorar mais minhas narrativas familiares. Tive a oportunidade de experimentar e construir utilizando outras ferramentas, como foi o caso da minha primeira produção em audiovisual, criada em 2021: Vestígios de Memórias no Semiárido: Fotografias e ancestralidade, com o apoio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural - BICC.

A concessão dessa bolsa foi fundamental nesse percurso, ela me permitiu materializar, por meio do audiovisual, narrativas até então restritas à fotografia, alcançar e provocar com o audiovisual os sentidos físicos de quem aprecia o que faço, dando pequenos passos na categoria de documentário em curta-metragem, onde captei trechos do trajeto de Recife até Surubim, e lá apresentando de forma ainda tímida um pouco da nossa realidade ao lado do meu pai.

Figura 9. Produção audiovisual: Vestígios de Memórias no Semiárido: Fotografias e ancestralidade⁵, 2021.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2024.

Os elementos encontrados ao longo da pesquisa, documentos, cartas, conversas, fotografias e objetos do acervo pessoal da minha família que são resultantes das pesquisas realizadas acerca da minha memória familiar, são peças-chaves que me auxiliam na compreensão da narrativa existencial dos meus ancestrais, na possibilidade de existência de outros povos nos territórios vizinhos ao nosso e, principalmente, no entendimento de como se deu a invasão dos territórios indígenas nas várias formas que se instalou o projeto de colonização no Brasil (Pindorama).

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=QNI0n9cMhTA&t=53s>

O processo de preservação das memórias e identidade aqui, envolve a preservação dos registros históricos da minha cidade natal, Surubim/PE, documentos pessoais e de familiares, entrevistas, fotografias, vídeos e outros materiais que refletem a memória e a história da minha comunidade. Mediante o exercício de identificação e mapeamento, essas memórias são preservadas para que as gerações futuras compreendam as experiências passadas por seus ancestrais e seu impacto no presente.

Além das produções artísticas nascidas dos processos de captação de memórias familiares, também foram realizadas pesquisas documentais para coletar o máximo possível de informações e dados sobre os familiares. À medida que as buscas continuaram e progrediram, após minha longa insistência, consegui encontrar os registros digitalizados de nascimento e óbito de meus parentes por meio da plataforma "FamilySearch", um software online gratuito que ajuda pessoas a encontrarem suas origens e estabelecerem relações familiares, pesquisando fontes históricas com base em documentos digitalizados fornecidos por autoridades locais: cartórios, fóruns, prefeituras, hospitais etc.

A princípio, iniciei a pesquisa na plataforma buscando por nomes de tios e tias que me levassem ao nome da minha bisavó. As informações encontradas eram das mais variadas, variou entre nomes de familiares que desconhecia, até documentos pessoais. Foi a partir do registro de nascimento do meu tio (Avelino Francisco da Costa Filho), (**Figura 10**) que localizei o nome da minha bisavó: Dona Flora Maria da Conceição, mãe da minha avó paterna. No dia em que foi feito o registro de nascimento do meu tio (16/01/1970), ela já havia falecido.

Todos os documentos encontrados são de extrema relevância para a pesquisa em questão, pois cada material que foi identificado tem sido responsável por um avanço significativo, contribuindo para o encontro de dados importantes e atuando como ferramenta que auxiliou nos próximos passos da pesquisa. Encontrar o documento da (**Figura 11**) foi um marco significativo para a pesquisa, pois foi graças a ele que pude assimilar a origem e o nome da minha bisavó. Essa descoberta tem um valor inestimável, uma vez que me permitiu me aproximar ainda mais da minha verdadeira história e, conseqüentemente, da identidade do meu povo.

Além disso, essa descoberta fornece informações importantes sobre o que meu pai já me contava há muito tempo sobre como se deu a invasão da nossa comunidade,

os episódios de estupro que ocorreram com minha bisavó e as consequências desse genocídio e etnocídio. Buscar e assimilar esses fatos com as consequências atuais é fundamental para a construção de uma identidade consciente onde as pessoas saibam sobre o que aconteceu com os que lhe antecederam e os motivos de serem considerados extintos. No caminho percorrido encontrei os seguintes documentos, na Figura 10 o registro de nascimento de Selly Maria Silva da Costa.

Figura 10. Registro de nascimento de Selly Maria Silva da Costa, livro de registros do cartório.

131

Número 33.016 Em quatro (04) de agosto de dois mil e novecentos e noventa e nove, nesta cidade de Juruá, Estado de Pernambuco, em cartório compareceu D. Maria Célia Arruda de Lima, casada professora, e perante as testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas declarou que, no dia vinte e dois de março do ano passado 22.03.1999, às 23:00 horas e em esta cidade de Juruá, PE, nasceu uma criança do sexo feminino, que recebeu o nome de Almeida Arruda de Lima, filha de Almeida Arruda de Lima, casada e dela declarante com 38 anos de idade, a esposa do parto, e do pai, natural desta cidade de Pernambuco, casado com a Sr. Maria Célia Arruda de Lima, residente a Rua Genésio Nilo de Souza, nº 43, nesta cidade.

São avós paternos Antônio Gervásio de Lima e D. Corina Maria de Lima, e maternos Joaquim José de Arruda e D. Cleusa Barreto de Arruda. Nada mais declarou. Lido e achado conforme assina: Deputado Reitor em cumprimento ao Mandado de Juízo nº 02.08.999, do Exm. Sr. Juiz de Direito da 2ª Zona, desta Comarca, a Oficial designada, Maria Eugênia Ramos Albuquerque, subscreeve e assina.

Maria Célia Arruda de Lima

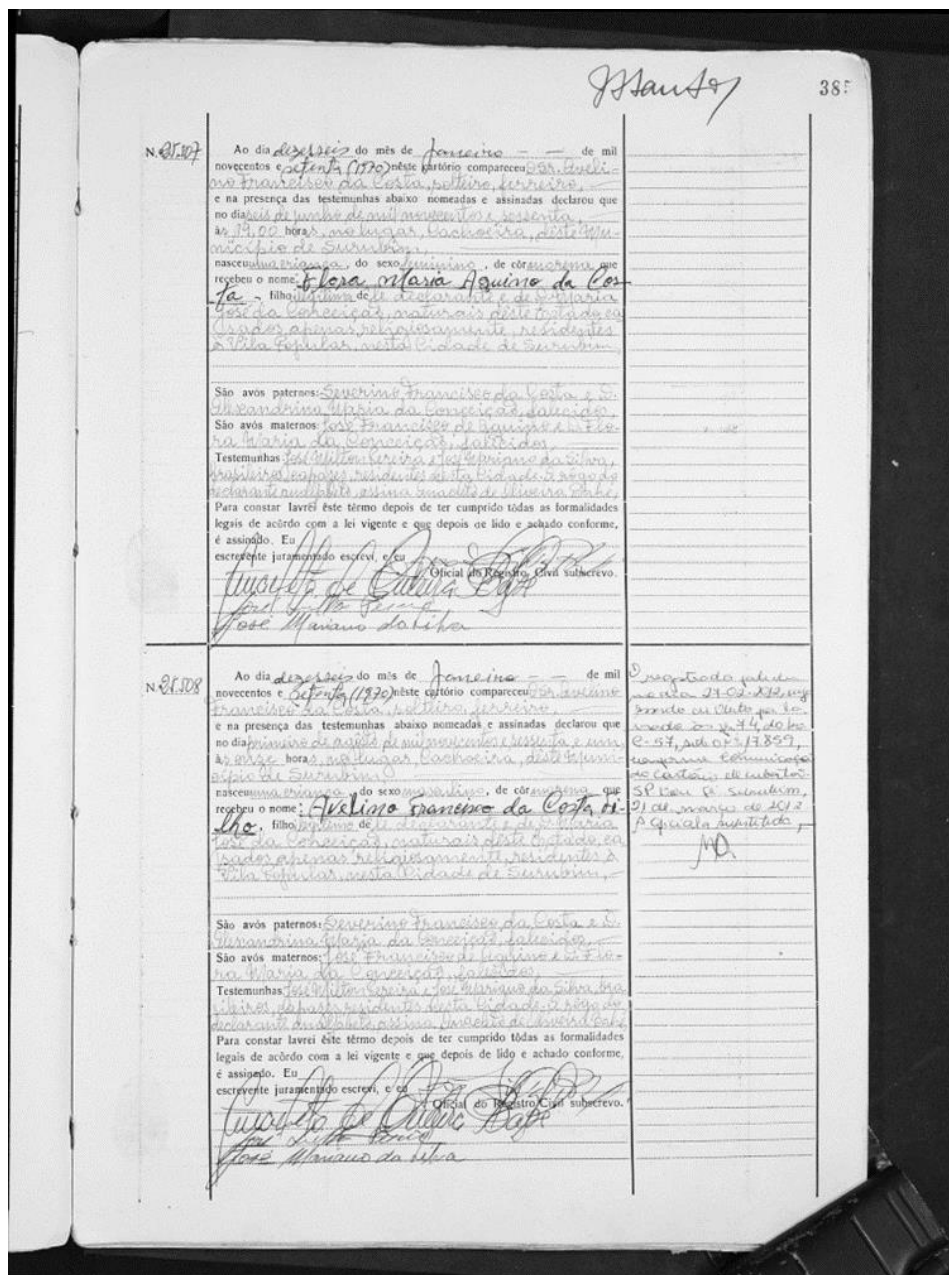
Número 33.017 Em sete (07) de agosto de dois mil e novecentos e noventa e nove, nesta cidade de Juruá, Estado de Pernambuco, em cartório compareceu D. Almeida Arruda de Lima, casada professora, e perante as testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas declarou que, no dia dezesseis de novembro do ano passado 16.11.1999, às 17:00 horas e 00:10 minutos, em a Maternidade do Hospital São Luiz, desta cidade, nasceu uma criança do sexo feminino, que recebeu o nome de Selly Maria Silva da Costa, filha de Almeida Arruda de Lima, casada, a grávida, com 34 anos de idade, a esposa do parto, e do pai, natural desta cidade de Pernambuco, casado com a Sr. Maria Célia Arruda de Lima, residente a Travessa José Natal Carneiro Lins, nº 41, nesta cidade.

São avós paternos Antônio Gervásio de Lima e D. Corina Maria de Lima, e maternos Joaquim José de Arruda e D. Cleusa Barreto de Arruda. Nada mais declarou. Lido e achado conforme assina: Deputado Reitor em cumprimento ao Mandado de Juízo nº 02.08.999, do Exm. Sr. Juiz de Direito da 2ª Zona, desta Comarca, a Oficial designada, Maria Eugênia Ramos Albuquerque, subscreeve e assina.

Almeida Arruda de Lima
= Benedicta Maria da Silva

Ao iniciar minhas buscas na plataforma FamilySearch, procurei primeiramente pelo meu próprio registro de nascimento. Para minha surpresa, consegui encontrá-lo, o que me incentivou a continuar pesquisando pelos documentos dos outros familiares. Embora meu registro seja relativamente recente se comparado aos de meus tios, tias e avós, percebi que era possível encontrar informações, mesmo que poucas e com algumas lacunas, considerando que os documentos anexados no site costumam ter os nomes de pessoas próximas nos registros. A descoberta do meu próprio registro de nascimento foi como um ponto de partida significativo, que me motivou a aprofundar essa pesquisa identitária. Aos poucos, fui ampliando as buscas, saindo do eixo pai, mãe e pesquisando por tios e tias.

Figura 11.: Registro de nascimento de minha tia Flora Maria Aquino da Costa e registro de nascimento e de óbito do meu tio Avelino Francisco da Costa Filho.



Fonte: FamilySearch, Disponível em <<https://ident.familysearch.org/>> acesso em 18

Nesse documento, encontrado no site 'Family Search' consta o registro de nascimento de dois dos meus tios paternos. Flora Maria Aquino da Costa e Avelino Francisco da Costa Filho.

Por meio desse documento, localizei o nome dado à minha bisavó, Flora Maria da Conceição, após ela ser *pega a dente de cachorro* (Termo utilizado quando uma pessoa indígena de sexo biológico feminino é estuprada e roubada de seu povo e aldeia) e passar a viver fora de sua comunidade. Meu pai contava que ela tinha o mesmo nome da minha tia (Flora Maria Aquino da Costa), porque meu avô gostava

muito da sogra, e quando sua filha nasceu, deu o mesmo nome em homenagem à sogra, e foi com base nessa única referência que comecei a pesquisar.

Lembro de forma muito nítida até hoje das vezes que meu pai falava sobre sua avó, Flora Maria da Conceição, relatando o que se passou com ela: *pega a dente de cachorro* e *pega no laço*. Ambos os termos significam práticas de violências sexuais praticada pelos invasores contra mulheres indígenas em seus territórios. Márcia Wayna Kambeba, poeta, fotógrafa, atriz e geógrafa indígena da etnia Omágua/Kambeba, descreve bem como a violência ocorria: “Laçavam as mulheres, como se fosse laçar um boi, e elas eram puxadas até o alcance do invasor por mata adentro. Quando a mulher tentava fugir, o abusador mandava gente atrás dela, levando juntos os cachorros.” E a partir daí, vem outra expressão: “Minha avó foi pega a dente de cachorro.”

Levantamento do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), de 2022, constatou que, em muitos casos, a disseminação de bebidas alcoólicas e outras drogas funcionam como gatilho desencadeador de graves crimes, como violência sexual, assassinatos e lesões corporais. Naquele ano, levantou-se 20 casos ocorridos em diferentes etnias, dentro de terras indígenas, tendo sido o estado do Mato Grosso do Sul o líder do ranking, com um total de oito ocorrências.⁶

Para além das estatísticas, que sofrem com a subnotificação de casos, a mulher indígena é alvo de uma violência que cresce de forma acelerada. “A cada minuto, uma mulher é violentada, vítima de feminicídio, seja na aldeia ou na cidade. A vida na aldeia tem outra dinâmica e forma de ser entendida, mas, nada justifica a violência que a cada ano que passa aumenta”, denuncia Márcia Kambeba.⁷

Essas falas reproduzidas por meu pai fazem parte da memória e realidade coletiva não só da minha família, mas de diversas outras que tiveram suas narrativas marcadas por episódios de violência sexual contra nossas avós, os quais são lembrados até hoje. Porém, é essencial que esses fatos sejam recordados de forma apropriada, chamando eles pelo seu nome correto: estupro. Uma vez que ao utilizar o

⁶ <https://anaind.org.br/noticias/marcia-kambeba-violencia-de-genero-e-interseccao-com-o-racismo/>. Acesso em 29.04.2024 às 16h:41min.

⁷ <https://anaind.org.br/noticias/marcia-kambeba-violencia-de-genero-e-interseccao-com-o-racismo/>. Acesso em 29.04.2024 às 16h:41min.

termo adequado, reconhecemos a gravidade desses crimes, paramos de adicionar esses fatos em um lugar de romantismo em nossas memórias e passamos a acolher as vítimas dessas torturas, em vez de tentar suavizar ou minimizar o que de fato ocorreu.

É importante abordar esses temas com a devida seriedade, de modo a conscientizar a sociedade e evitar que tais atos se repitam. Visto que quando uma mulher indígena é vítima de violência na aldeia ou na cidade é reproduzido em pleno século XXI o ato de “pegar no laço”. Esse tipo de atitude escancara o comportamento machista e agressivo de muitos homens que continua a se manter ativo nas sociedades. O abuso da força física, a obsessão pelo poder de posse e a ausência do respeito pela mulher saltam aos olhos. A violência não é somente física, é violência da dignidade humana, do direito à existência, à liberdade e à paz.

Portanto, com base nesse documento, agora sabendo o nome completo que minha bisavó recebeu fora da sua aldeia, consegui avançar mais um passo na pesquisa. O objetivo passou a ser tentar encontrar mais informações sobre ela, por onde viveu e possíveis outros filhos e/ou familiares.

A pesquisa foi avançando graças a alguns parentes que se colocaram à disposição para contribuir me contando sobre narrativas familiares as quais desconhecia até o momento do contato, e essas informações foram encaixando na montagem desse quebra-cabeça e fazendo cada vez mais sentido na história da minha família. As contribuições que foram dadas vão desde objetos de lembranças familiares, até áudios e ligações longas contando sobre o modo de vida do meu pai e avós.

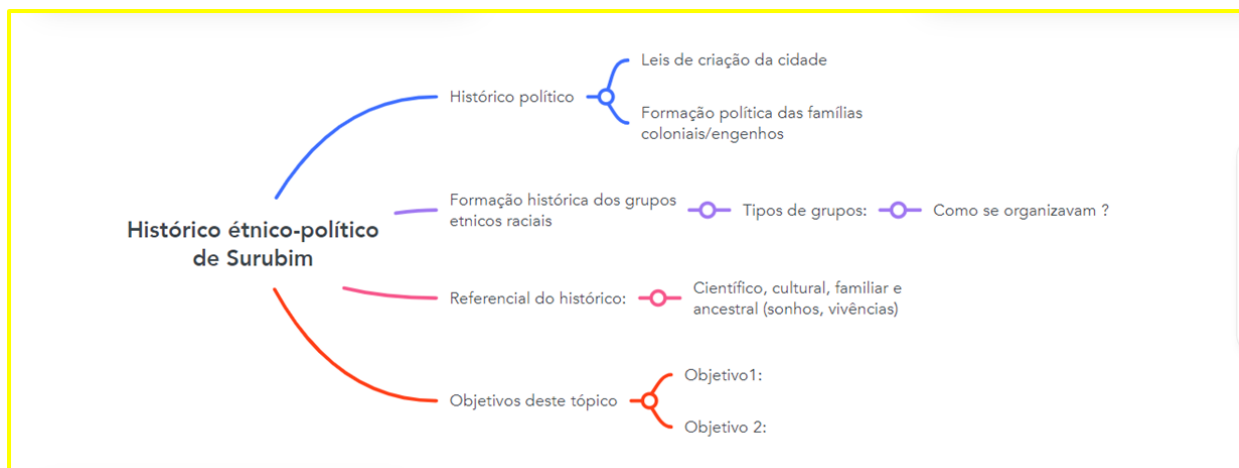
Eu sei que a minha avó era indígena mesmo, a avó por parte da minha mãe, e ela até falou que pegaram ela na mata, uma indiazinha na mata, uma menina, e ela corria tanto que ninguém conseguia pegar ela, foi que o cachorro correu e pegou, aí levaram ela pra casa e domesticaram ela, porque ela era igual um animalzinho (Trecho de áudio gravado em conversa com a parenta Luíza⁸, 2021) .

Dessa forma, criei um mapa mental que tem o objetivo de facilitar, dentro da sua representação visual, a organização das ideias e sistematizar o passo a passo

⁸ Nome fictício para preservar a identidade da parenta.

das buscas dentro do processo que intitulei de Histórico Étnico-Político de Surubim. Neste mapa mental, determinei tópicos importantes a serem explorados dentro do tema Histórico Étnico-Político de Surubim que são: O histórico político da cidade, a formação política das famílias coloniais, a formação dos grupos étnicos raciais e como os grupos étnicos se organizavam:

Figura 12. Mapa mental



Fonte: Produção autoral, disponível em: [Mindmeister](#), 2023.

Após esse momento, passei a buscar informações e dados mais antigos sobre a formação da cidade de Surubim, principalmente, tentando fugir de explicações repetidas. Os resultados das pesquisas confirmaram informações já existentes: A freguesia de Surubim era originalmente uma fazenda de gado. Lourenço Ramos da Costa, construiu um local de culto em 1864 e contratou um padre português, Antônio Alves da Silva, como pároco dominical.

Mais tarde, algumas fazendas e casas de veraneio foram construídas para os viajantes que por ali passavam. Em 1870, o oratório que dedicava as orações a São José, foi substituído por uma capela. Com o crescimento da vila, em 6 de junho de 1881, a Lei Provincial nº 1.565 instituiu a Paróquia de São José de Surubim, que foi instalada canonicamente em 1885 e seu primeiro vigário, José Francisco Borges, que era de Bom Jardim, assumiu interinamente a sua administração.

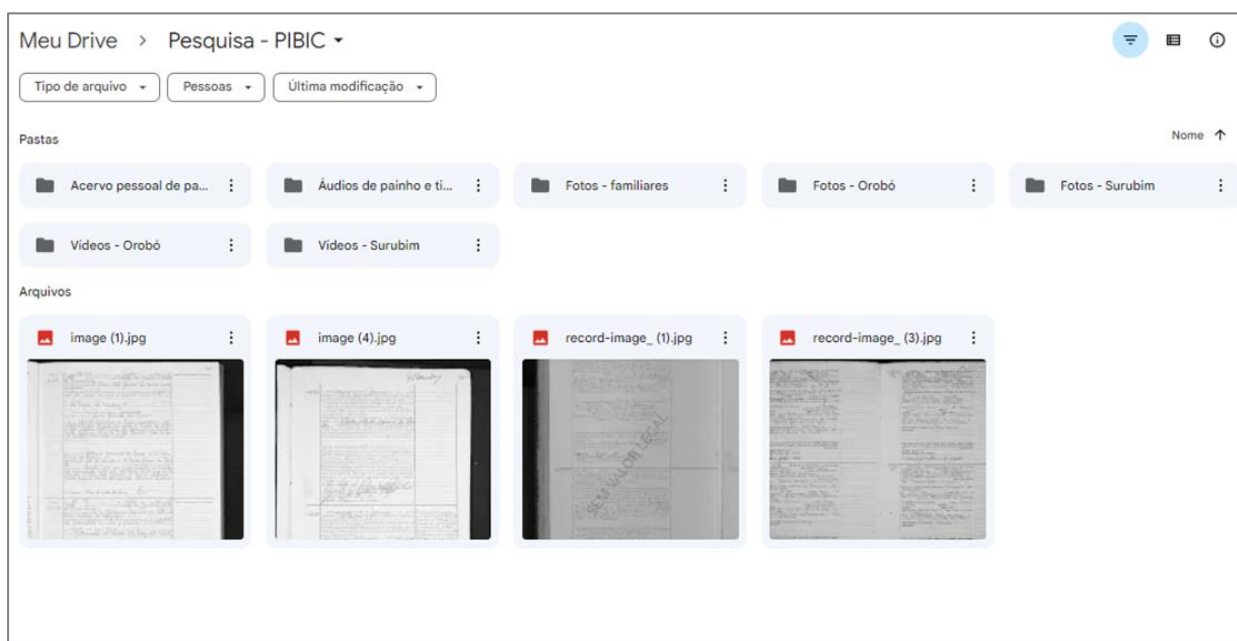
Após as poucas informações que obtive sobre o contexto histórico da cidade, não consegui avançar mais em relação a dados que seriam relevantes para a pesquisa. No entanto, o mapa mental continua sendo utilizado para armazenar

materiais que contribuem no desenvolvimento do Processo de Preservação dos Registros das Memórias.

O Processo de Preservação dos Registros das Memórias, é o título dado ao local onde reúno os documentos coletados. Lá os documentos são organizados por cada técnica responsável pela captação dos registros, tipos de documentos, por datas e locais. Assim, vou dando forma a uma espécie de “banco de dados identitário” que vai sendo alimentado aos poucos, visto que o processo de captação se dá há anos, onde se faz necessário uma organização e seleção dos conteúdos que irão compor o espaço.

Processo de Preservação dos Registros das Memórias

Figura 13: Imagem do Processo de Preservação dos Registros das Memórias onde reúno os arquivos do processo cartográfico da pesquisa.



Fonte: Arquivos da pesquisa, 2024.

Nesta pesquisa que utiliza o método cartográfico, a inclusão de objetos no processo de desenvolvimento é fundamental para documentar e preservar conhecimentos e costumes que não seriam facilmente representados em mapas ou tabelas. Esses objetos servem como registros tangíveis de aspectos importantes da vida e da minha identidade familiar, ajudando a preservar a memória e a aprimorar a interpretação e comunicação do que foi cartografado.

Figura 14: Objetos do meu pai que guardei após sua partida e que compõem o processo cartográfico da pesquisa.



Fonte: Arquivo da pesquisa, acervo pessoal da autora, S/D. Disponibilizada em 2022.

A Figura 14 exhibe itens importantes para o processo de mapeamento e cartografia desta pesquisa. Esses objetos, embora simbólicos, refletem a contribuição de cada pessoa envolvida no projeto, mesmo que de maneira indireta. Alguns deles pertenciam à casa da minha avó e do meu pai. Esses objetos funcionam como pontos de referência que ligam o presente ao passado, representando memórias coletivas e individuais essenciais para a preservação da memória familiar.

Figura 15: Casa onde meus avós moraram até o final de suas vidas quando se mudaram para Surubim.



Fonte: Arquivo da pesquisa, acervo pessoal da autora, S/D. Disponibilizada em 2022.

Esses objetos, ilustrados na Figura 14, foram fundamentais para a construção das narrativas em meus processos criativos e auxiliaram para a compreensão mais profunda do que exploro nessa pesquisa. Isso porque, eles serviram como catalisadores para desenvolver narrativas e ideias, oferecendo uma base tangível sobre a qual pude construir e expandir minhas perspectivas. Através da análise e da interação com esses objetos, fui capaz de conectar elementos do passado com o presente, criando um espaço de reflexão que enriqueceu minha abordagem criativa. Além disso, esses objetos ajudaram a iluminar aspectos e dimensões que talvez não fossem evidentes de outra forma, permitindo uma compreensão mais completa e integrada do assunto em questão.

Na perspectiva do filósofo brasileiro, Ailton Krenak (2019) a memória deve ser compreendida não apenas como um arquivo de eventos passados, mas como um elemento essencial que une o presente ao passado e projeta o futuro. Me aproximando do pensamento de Krenak, entendo que é importante reconhecer e valorizar a memória representada por esses objetos, uma vez que eles são portadores

de histórias, tradições, identidades e narrativas que trouxeram eu e meus familiares até aqui.

Por isso, quando reflito sobre esses objetos, acredito que podemos entender e demonstrar como a memória e a identidade são preservadas e fortalecidas, e como cada item conecta o passado ao presente e ao futuro.

Figura 16: Objeto encontrado em meio aos restos da casa dos meus avós.



Fonte: Arquivo da pesquisa, acervo pessoal da autora, S/D. Disponibilizada em 2022.

As Figuras 14 e 15 são o reflexo dos resultados obtidos através do processo cartográfico conduzido nesta pesquisa. Elas servem como registros visuais dos fatos e descobertas ocorridos e registrados ao longo da investigação empreendida neste estudo.

A cartografia, nesse contexto, não se limita à mera representação gráfica, mas atua como um meio de documentar e interpretar o desenvolvimento da pesquisa. Cada imagem captura aspectos específicos do processo investigativo, oferecendo uma visão tangível das etapas e descobertas realizadas. Esses registros visuais são fundamentais, pois fornecem uma narrativa visual que complementa o processo vivido. Ao revisar essas imagens, é possível relembrar e contextualizar os eventos e metodologias que foram utilizados, permitindo uma compreensão mais profunda e detalhada da pesquisa realizada.

No próximo capítulo, abordarei a genealogia ancestral como um meio de aproximar-se das memórias dos meus ancestrais. Esse caminho é, em muitos aspectos, um percurso, literalmente, físico que pode ser extenuante, pois envolve o enfrentamento de memórias e histórias que têm sido silenciadas ao longo do tempo. Trata-se de um processo que exige uma abordagem sensível, com o objetivo de buscar e entender essas narrativas sem causar novas feridas. É um retorno cuidadoso ao passado, que demanda uma compreensão profunda sobre como e até onde se deve avançar para respeitar e recuperar essas memórias sem perpetuar o sofrimento.

3. TRACEJANDO UMA GENEALOGIA ANCESTRAL

Mia Couto já havia dito, (2021, p.7) que “para alguns, era preciso esquecer o que se passava para que houvesse futuro. Para outros, o que se passava era já o futuro”.

A frase de Mia Couto (2021) traz reflexões profundas sobre a relação entre o passado, o presente e o futuro, abordando a diversidade de perspectivas em relação à memória e à continuidade das histórias familiares. Para alguns, o esquecimento do passado pode ser visto como uma forma de possibilitar a construção de um futuro diferente, distante das memórias de dor e sofrimento, enquanto para outros, as experiências passadas já moldam e definem o que está por vir.

Essa dualidade de perspectivas de como caminhar para o futuro se faz presente na trajetória da minha família, onde o ato de tentar esquecer e negar o passado foi uma estratégia adotada para seguir em frente. No entanto, para mim, como continuidade dessa história, o passado continua a ecoar no presente, influenciando na minha realidade e motivando esta pesquisa e a resistência em retomar e compreender essas narrativas.

Essa reflexão sobre como o passado pode ser encarado como algo a ser esquecido ou como algo que molda o futuro é crucial para compreender a complexidade das relações familiares e da própria identidade. A frase de Mia Couto ressoa em minha pesquisa ao evidenciar a importância de reconhecer e explorar as narrativas da minha história familiar, mesmo que isso signifique confrontar aspectos dolorosos e desafiadores do passado.

Nos momentos que busquei uma das duas irmãs do meu pai, Tia Lole, não foram muitas as informações que ela me disponibilizou, mas foram essenciais para corrigir o que estava sendo entendido de forma errada: Meu pai, desde a primeira vez que me contou sobre nossa origem, dizia que nossa identidade partia da mãe do seu pai que, nesse caso, seria sua avó paterna.

No entanto, Tia Lole corrigiu essa informação e afirmou que a origem de nossa identidade parte de sua mãe, Maria José da Conceição, ela que teve sua mãe “pega a dente de cachorro na mata”. Essa contribuição pode ser fundamental para esclarecer equívocos previamente entendidos, especialmente no que diz respeito à genealogia familiar. A correção feita por minha tia, ao afirmar que a origem da identidade parte da sua mãe, Maria José da Conceição, trouxe uma nova perspectiva e alinhou o entendimento das contribuições anteriores e futuras. Porém, o que mais me marcou nesse contato que tive com ela, foi a ausência de profundidade no pouco que ela havia me contado.

Era nítido que ela não queria e tão pouco gostaria de se aprofundar no assunto. Destacamos aqui como o papel da memória é importante na (re)construção de uma história, mas, ao mesmo tempo, nos questionamos, terá sido minha avó paterna, como disse meu pai, ou terá sido minha avó materna, como disse minha tia, que foi pega “a dente de cachorro”? Ou terá sido ambas diante das inúmeras atrocidades que foram cometidas aos povos indígenas, especialmente, às mulheres indígenas?

Esse questionamento nos leva a pensar com Joël Candau (2012, p.9) que “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”.

O que é extremamente compreensível e em nenhum momento forcei ou insisti para permanecer nesse ponto com tia Lole. Isso exemplifica bem o que foi dito por Mia Couto, dado que para minha tia, não havia mais necessidade de estar retomando esse assunto e rememorando essas realidades, o que aconteceu está feito e não tem como mudar.

Decerto, não há possibilidade de mudar o que foi feito, mudar os impactos e reverter as consequências do fato. Mas temos a obrigação e necessidade de mantermos as memórias vivas para que estejamos atentos aos movimentos que levaram aos fatos passados e que não permitamos que esse episódio seja repetido. Contudo, também não descarto que essa seja a sua forma de lidar com suas memórias e a necessidade de preservar essas narrativas em seu íntimo, já que meu pai também, mesmo compartilhando comigo sobre nossa ancestralidade, era uma pessoa bem reservada e que foi a partir da minha proximidade com nossa retomada que se sentiu um pouco mais confortável a se juntar a mim nesse processo.

Em nosso processo de retomada juntos, eu e meu pai viajamos até o Sítio Varjão, localizado no município de Orobó, a cerca de 28 km de distância de Surubim. O sítio pertencia, na época, a familiares dos meus avós. Foi lá onde meu pai nasceu e foi criado até que ele, seus irmãos, irmãs e pais se mudaram para Surubim. Nessa viagem conheci lugares, apresentados por meu pai, que dizem muito sobre sua origem simples e rica do que nos falta na cidade grande. Me recordo como se fosse hoje do meu pai me mostrando o local que um dia esteve localizada a primeira e segunda casinha de taipa onde morou com sua família. Um recorte dessa viagem pode ser observado pela Figura 17.

Figura 17: caminho que serve como entrada em uma das partes do sítio.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

Esta fotografia, na figura 17, foi feita no dia da visita que fizemos ao Sítio Varjão e onde estive pela primeira vez, foi capturada no caminho que serve como entrada em uma das partes do sítio. Ao lado direito da imagem, após a cerca, ficava a segunda casa onde meu pai e a família morou por certo tempo.

Figura 18: Meu pai ao lado da árvore que se localiza próxima de onde ficava sua casa.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

Na Figura 18, meu pai está em pé ao lado da árvore que ele comentou que sua mãe chamava de árvore de canudo de cachimbo, usava as folhas dela para enrolar seus cigarros. Onde está posicionada a cocheira utilizada para depositar a ração dos gados, era o local onde ficava, exatamente, a sua segunda casa. Encontramos um trabalhador da região no dia da visita, levando em cima da cabeça um saco de mato cortado para alimentar os gados, acompanhado de três cachorros, como ilustra a Figura 19.

Figura 19: Trabalhador da região carregando um saco de mato para alimentar os gados.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

Assim que chegamos no sítio, meu pai foi até a casa de seu primo para que ele pudesse refrescar sua memória sobre onde ficava, exatamente, a segunda casa em que morou com seus pais e irmãos. Na Figura 20, estão meu pai e seu primo indicando para ele o local onde ficava a sua segunda casa.

Figura 20: Meu pai e seu primeiro mostrando onde se localizada sua segunda casa.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

Esse exercício de rememorar, de remapear, de reconstruir momentos de uma história de vida, ressalta o desejo reflexivo de pensar sobre o que fica do passado, ao que parece, tem uma relação com a legitimação, marcação e identificação da própria identidade pessoal, sua origem, sua trajetória de vida e daqueles que fizeram parte importante dessa história. Ao longo do caminho, encontramos outros lugares ativadores de memórias. Um deles foi uma Capela e uma bodega com pode ser visto em seguida.

Figura 21. Capela de Nossa Senhora de Aparecida, criada e cultivada pelos moradores e devotos do Sítio Varjão.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

Figura 22: Meu pai na bodega enquanto fazíamos uma pausa na visita a localidade onde morou.



Fonte: Acervo pessoal da autora, Sítio Varjão - Orobó/PE, 4 de set. de 2020.

No caminho de retorno para Surubim, durante uma parada em uma bodega para meu pai tomar uma cerveja, um momento foi capturado nesta fotografia. Ao revisitar essa imagem, recordo vividamente a expressão de satisfação estampada no rosto do meu pai. Ele olhava fixamente para algum espaço da bodega como se retomasse momentos que viveu naquela região e era nítido como ele se sentia realizado com aquele momento, irradiando uma sensação de missão cumprida por ter me guiado até o sítio e compartilhado comigo suas memórias. Essa fotografia, sem dúvida, foi um dos grandes presentes dessa viagem.

Já me disseram em tom crítico (muito mais desmotivador que construtivo) que meu trabalho é permeado somente pela temática da morte, mas como poderia ser diferente? Falar sobre o passado colonial faz parte do meu discurso político, enquanto brasileira e indígena, do nosso humor, da nossa poesia, da nossa música, dos nossos relatos e de outras formas de transmitir simultaneamente a narrativa da história e uma atitude em relação a ela.

A morte, afinal, compõe o marco inicial da minha identidade familiar. A história de Pindorama, que conhecemos hoje como Brasil, foi forjada em meio à dor e à morte. Essa realidade, embora recente, remete às experiências de nossas bisavós, muitas das quais foram vítimas de violência, estupro e morte. Esses eventos sombrios cercam a trajetória da minha família e não posso ignorá-los. Como afirmou Edmund Burke (1729-1797), "Um povo que não conhece sua história está fadado a repeti-la."

É essencial reconhecer e ressaltar as vozes e a relevância que há presente nessas narrativas, pois foram elas que moldaram não apenas o passado, mas também ecoam no presente e no futuro.

Ao abordar a presença da morte em minhas criações, não busco glorificá-la, mas sim contextualizá-la dentro do tecido complexo que constitui a minha identidade, a história da minha família e que faz parte da história do nosso país. É através da reflexão sobre esses eventos que podemos aprender, evoluir e evitar a repetição de ciclos de violência e sofrimento. Portanto, é meu compromisso não apenas lembrar, mas também compartilhar essas narrativas, para que possamos compreender e transformar o legado de dor em um caminho de aprendizado e resistência.

A morte, embora seja um tema que caracteriza momentos de sofrimento, me ensinou, por meio da vivência com meus familiares, que seu significado vai além da

forma que a maioria das pessoas compreendem. Considero que seria injusto limitar nossa existência a um único local. Através dos ensinamentos de meus pais, especialmente após o encantamento do meu pai, percebi que a existência se desdobra em diversas formas e em múltiplos "lugares".

É por isso que acredito na continuidade da vida para além do que podemos ver e compreender. Compreendo que a morte não representa o fim absoluto, mas sim uma transição para outras dimensões e formas de existir. A sabedoria transmitida por meu pai, mesmo após sua partida, ressoa em mim e me inspira a enxergar a existência de maneira mais ampla e diversificada.

A cada dia, percebo que a morte não é o término, mas sim o início de novas jornadas e possibilidades, onde as fronteiras entre o aqui e o além se tornam mais fluidas e permeáveis. Enquanto parte dessa continuidade, sigo colhendo o que foi plantado por meu pai e reproduzindo seus ensinamentos na minha caminhada, perpetuando assim seu legado e aprofundando minha compreensão sobre a vida e além.

Na contramão de tantos estigmas e repressões, desenvolvemos diferentes formas de organizações e lutas, afirmando nossos direitos e a importância da nossa memória viva e ativa para continuidade dos nossos modos de vida e de preservação das nossas identidades. Nossas principais formas de luta são as retomadas, caracterizadas por ações diretas de recuperação territorial, recuperação da identidade por meio da memória ancestral que, na maioria das vezes, são orientadas por nossos encantados. As retomadas são, ao mesmo tempo, uma forma de pressionar os poderes públicos para garantia dos nossos direitos e demarcação dos territórios que nos pertencem.

As retomadas se concentram em áreas da terra com as quais temos um vínculo fundamental, tanto fisicamente quanto espiritualmente, formando um território no sentido mais amplo da palavra. São terras que foram tomadas no passado e que são fundamentais para preservar identidades e dar continuidade aos nossos costumes. No entanto, as retomadas são ainda mais evidentes nos contextos urbanos das cidades, onde nós, indígenas distantes de nossos territórios de origem ou que nasceram e foram criados na cidade, buscamos compreender nossas origens e recuperar o que nos foi tirado, começando pela memória.

Estar em retomada é um processo ritual grandioso e, que não é possível estar nele e desejar, por outro lado, seguir sua vida normalmente, sem permitir que as realidades não se conectem. Estar em retomada é reconhecer os riscos desse movimento que se faz com a vida, e que muitas vezes, se paga com ela, é estar imersa e entregue, despertando questionamentos internos que não cessam, encarando os perigos, aprendendo a buscar no âmbito espiritual o gás para continuar e ter somente a força dos seus ancestrais e dos seus parentes para se manter firme.

É um lugar com um potencial de renovação gigantesco que não existem palavras para descrever o quão forte e poderoso é, onde envolve a reconexão com memórias reprimidas e o lugar mais delicado desse processo: a reafirmação do pertencimento ao seu povo que é feito através das investigações, experiências compartilhadas, contatos e vivências com parentes aldeados e não aldeados. Estar em retomada é ter plena consciência de que estamos plantando agora para que nossos parentes futuros possam encontrar um terreiro favorável para uma vida digna, onde a memória esteja viva.

Guiada pelos sinais e orientações deixados por meu pai e nossos ancestrais, procuro alinhar meus pensamentos e ações para seguir os passos que eles traçaram. Suas contribuições, tanto durante sua vida quanto em nosso processo de retomada, foram inestimáveis e continuam a me inspirar. Conforme Ailton Krenak (2019) aponta, novas narrativas emergem para iluminar o período de escuridão imposto pelo colonialismo em nossas terras. Essas histórias já começaram a se manifestar, e nossa geração está comprometida em garantir que nenhuma memória se perca novamente. Estamos determinados a manter viva as memórias e culturas, resistindo ao apagamento histórico e reivindicando a verdade e a justiça que nos foram negadas.

O INÍCIO É AQUI

A partir dessa primeira consideração, veio à tona a indagação de como se registra uma memória identitária se ela foi “apagada”? Essa questão moveu esse estudo.

No contexto desta pesquisa, a pergunta inicial e a questão investigada foram fundamentais para direcionar o estudo e os caminhos tomados ao longo do processo. À medida que a pesquisa avançava, essa indagação continuava a guiar o trabalho, garantindo que os esforços estivessem alinhados com o objetivo de encontrar resultados condizentes com a proposta de pesquisa. No entanto, não encontrar os resultados esperados estava entre as possibilidades desse processo de investigação tão delicado que, talvez, não pudesse me levar ao encontro do que buscava, e acabar por despertar mais questões do que as tidas no princípio da pesquisa.

Quando me coloquei à disposição para explorar as possibilidades não previstas inicialmente e compreendi que isso exigiria manter a confiança e a motivação diante da vastidão de questões e potenciais descobertas que poderiam surgir ao longo do trajeto, pude compreender a dimensão do caminho que eu estava adentrando. Busquei entender esse sentimento como um reflexo da magnitude da questão que estava sendo investigada quanto da necessidade que sentia em validar as descobertas e garantir que cada resposta encontrada contribuísse de alguma forma com minha narrativa familiar.

A incerteza se fez presente nesse percurso e foi parte inevitável do processo de pesquisar, mas também foi um sinal de que a investigação estava sendo conduzida de maneira a explorar novas fronteiras, me tirando de um lugar cômodo e questionando o que se tinha entendimento diante das narrativas dos meus familiares.

Pesquisar sobre memória, tendo a oralidade como um dos principais meios de transmissão dela, é um grande desafio, principalmente, quando no meu núcleo familiar, a memória é tida como um segredo guardado quase a sete chaves, um lugar que carrega seus segredos quase intocáveis.

Com base nos objetivos específicos estabelecidos inicialmente, a pesquisa concentrou-se na investigação da minha memória familiar no contexto do processo de retomada indígena iniciado por meu pai. Este processo foi acessado e explorado por

meio das narrativas fornecidas pelos meus familiares e tendo meu pai como meu braço direito nesse caminho. A partir dessa investigação, ficou evidente que a memória desempenha um papel fundamental como um espaço de preservação e manutenção da nossa identidade.

A memória, enquanto elemento central nessa pesquisa, revelou-se não apenas um repositório de experiências, mas também um ativo dinâmico na manutenção da identidade cultural e na manutenção dos conhecimentos e práticas cultivados e guardados por minha família paterna. As narrativas familiares não serviram apenas como registros históricos, mas como veículos de transmissão cultural e de afirmação da continuidade e resistência que foi iniciada por meu pai.

Portanto, a pesquisa não apenas documentou os relatos e as memórias dos meus familiares, mas também destacou a memória como um campo de batalha onde se defende e se reconstitui nossa identidade. Assim, a memória familiar se configura como um espaço de resistência e de reafirmação cultural, essencial para a compreensão do processo de retomada indígena e para a preservação das tradições e valores ancestrais.

No processo de cartografar as memórias familiares, foram encontradas informações que se fizeram valiosas para a continuidade da pesquisa em desdobramentos futuros. Nas pesquisas feitas em registros na plataforma FamilySearch, foi possível encontrar o nome da minha bisavó, Flora Maria da Conceição. Por meio dessa descoberta, foi possível compreender com mais facilidade as narrativas do meu pai que me foram contadas tempos atrás, corrigir informações sobre a mesma que meu pai contava sobre a origem dela vir a partir do meu avô, e por mais que o nome descoberto não seja seu nome originário, visto que a mesma foi retirada de seu território, é uma descoberta relevante, pois estamos falando de uma vida responsável por gerações que resultaram em mim, isso significa que para além das violências sofridas, sua memória foi resguardada até hoje, ainda que com lacunas.

Tendo a memória como mecanismo fundamental nesta pesquisa, a visita feita juntamente com meu pai ao local em que morou desde que nasceu até sua adolescência, revelou-se fundamental para a investigação. Esse retorno às suas origens proporcionou *insights* valiosos sobre suas experiências e vivências. Observando o ambiente em que cresceu, pudemos compreender melhor os contextos

e influências em sua vida e, conseqüentemente, enriqueceram a pesquisa com uma perspectiva mais imersiva e pessoal. Além disso, a visita permitiu que meu pai reconhecesse a importância de compartilhar suas memórias. Esse processo de recordar e dividir suas experiências não apenas ajudou a preservar essas lembranças, mas também fortaleceu o vínculo entre o passado e o presente. Ao refletir sobre suas vivências e transmiti-las, meu pai participou ativamente da manutenção e valorização de sua própria história, assegurando que essas memórias continuassem a fazer parte de sua identidade e de nossa compreensão familiar.

Como mencionei, ao longo deste trabalho, experimentei momentos de apreensão ao perceber que o processo de cartografar memórias me conduziu a um terreno extenso e repleto de possibilidades. Embora essa vastidão ofereça a oportunidade de descobrir tanto o que busco quanto elementos adicionais, ela também apresentou o risco considerável de não encontrar muito do que se buscava.

Embora os resultados da pesquisa não sejam extensos em termos de números e volume, seu significado e relevância para nossa identidade são profundamente impactantes. A pesquisa proporcionou a oportunidade de explorar nossas raízes ao lado dos familiares, além de estimular aqueles que não tinham conhecimento prévio a se aprofundarem na busca por nossas origens. Assim, o valor da pesquisa vai além da quantidade de dados coletados, refletindo um impacto significativo na nossa compreensão e conexão de si para com nossas origens.

No final, o sucesso da pesquisa foi alcançado graças à participação ativa dos familiares que desempenharam um papel crucial ao compartilhar suas memórias e contribuíram para a preservação de nossa história. As colaborações não apenas facilitaram a coleta de dados e informações, mas também desempenharam a função essencial de manter viva nossa memória coletiva ancestral que foi reunida a partir de cada um que se dispôs em colaborar, garantindo que as experiências e memórias familiares sejam transmitidas, exercendo o real papel de manutenção da memória.

Meu compromisso é não apenas lembrar, mas também compartilhar essas narrativas, para que possamos compreender e transformar o legado de dor em um caminho de aprendizado e resistência.

Vivenciar a experiência da morte me ensinou, por meio da vivência com meus familiares, que seu significado se amplia por perceber que a existência se desdobra

em diversas formas e em múltiplos "lugares". Acredito na continuidade da vida para além do que podemos ver e compreender. Compreendo que a morte não representa o fim absoluto, mas sim uma transição para outras dimensões e formas de existir.

A sabedoria transmitida por meu pai, mesmo após sua partida, ressoa em mim e me inspira a enxergar a existência de maneira mais ampla e diversificada. A morte não é o término, mas sim o início de novas jornadas e possibilidades. Enquanto parte dessa continuidade, sigo colhendo o que foi plantado por meu pai e aprendendo com seus ensinamentos na minha caminhada, perpetuando assim seu legado e aprofundando minha compreensão sobre a vida e além.

A importância da nossa memória viva e ativa para a continuidade dos nossos modos de vida e de preservação das nossas identidades é inquestionável! O direito à vida, ao território, à identidade por meio da memória ancestral não é e nem pode ser uma moeda de troca ou barganha política. A terra faz parte de nossa existência não só física, mas também espiritual.

As retomadas são ainda mais evidentes nos contextos urbanos das cidades, onde nós, indígenas distantes de nossos territórios de origem ou que nasceram e foram criados na cidade, buscamos compreender nossas origens e recuperar o que nos foi tirado, começando pela memória. É um processo ritual grandioso! Reconheço os riscos desse movimento que se faz com a vida, e que muitas vezes, se paga com ela. Estou imersa e entregue, despertando questionamentos internos que não cessam, encarando os perigos, aprendendo a buscar no âmbito espiritual o gás para continuar e ter somente a força dos meus ancestrais e parentes para me manter firme. Mas, apesar disso, sinto que é um lugar com um potencial de renovação gigantesco que não existem palavras para descrever o quão forte e poderoso é, pois, aciona a reconexão com memórias reprimidas e experiências compartilhadas, contatos e vivências com parentes aldeados e não aldeados em busca de manter viva a memória.

Guiada pelos sinais e orientações deixados por meu pai e nossos ancestrais, procuro alinhar meus pensamentos e ações para seguir os passos que eles traçaram. Suas contribuições, tanto durante sua vida quanto em nosso processo de retomada, foram inestimáveis e continuam a me inspirar.

Como possíveis direções para pesquisas futuras, a investigação atual me motiva a aprofundar o exame do papel da memória na formação da identidade.

Especificamente, é essencial explorar como a memória não apenas contribui para a construção da singularidade individual, mas também influencia a identidade coletiva de um grupo. O entendimento mais detalhado desse processo pode revelar como as memórias compartilhadas e individuais moldam tanto a experiência pessoal quanto a dinâmica do ser humano em suas dinâmicas na sociedade, oferecendo novos insights sobre a relação entre memória e identidade.

REFERÊNCIAS

BOSI, É. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.

CHICANGANA-BAYONA, Y. A. Os Tupis e os Tapuias de Eckhout: o declínio da imagem renascentista do índio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 591-612, jul./dez. 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro da. História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. Introdução: rizoma. *Mil platôs*, v. 1, p. 11-38, 1995.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LONGHINI, G. D. N. Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. 2022. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2022.

MAYER, R.; PIRES, Á. P. A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, J. P. (org). Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A;

SURUBIM(PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 287-289. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: set. 2023.

<https://www.youtube.com/watch?v=QNI0n9cMhTA&t=53s>

MARTINS, Martha Priscylla M. J. Direito(s) e(m) Movimento(s): Assessoria Jurídica Popular a Movimentos Populares Organizados em torno do Direito à Terra e ao

Território em Meio Rural no Ceará. Mestrado em Direito. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011, p. 97.

<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>.